

Imprensa sob ataque: A violência contra jornalistas em um contexto de precarização e adoecimento no trabalho¹

Eduardo Rafael FREGATTO²

Daniela Cristiane OTA³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a respeito da violência contra jornalistas e os efeitos dos ataques contra a imprensa proferidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e por seus aliados nos últimos anos, considerando também o cenário de precarização da profissão e o adoecimento profissional. O trabalho propõe também uma pesquisa focada no universo de jornalistas que atuam em veículos de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, e os resultados evidenciam que os profissionais sentem os desgastes físicos e emocionais da precarização do trabalho intensificada pelos ataques e crescentes episódios de violência.

PALAVRAS-CHAVE: rotinas de trabalho no jornalismo; precarização; violência; adoecimento; liberdade de imprensa.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o jornalismo brasileiro sofreu diversas transformações. O enxugamento das redações e o conseqüente acúmulo de funções, as mudanças nas relações de trabalho, o surgimento de novas tecnologias, a não obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão e a ampliação das áreas de atuação profissional foram algumas das mudanças sentidas no setor (DANTAS, 2019).

A flexibilização do mundo do trabalho trouxe precárias formas de contratação (FIGARO; NONATO, 2017). Segundo o Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (PERFIL..., 2021), a precarização avançou significativamente no país. Houve redução dos vínculos CLT e os arranjos precários chegam a 24%. O percentual de jornalistas com carga diária superior a 8h é alarmante: 42,2%. Além disso, 66,2% se sentem estressados e 31,4% receberam indicação para tomar antidepressivos. Para Dantas (2019), o desgaste emocional e físico gerado pelo exercício da profissão de jornalista já se tornou parte da rotina dos profissionais.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 25 a 27 de maio de 2023.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, email: eduardo.fregatto@ufms.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, email: daniela.ota@ufms.br.

Diante deste cenário de precarização, é relevante considerar também os desdobramentos políticos do país a partir da eleição do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, em 2018. Nos quatro anos de mandato (de 2019 a 2022), os ataques contra a imprensa se intensificaram a ponto de gerar ameaças à liberdade de imprensa e à integridade física e mental dos jornalistas (ABREU, 2022).

ATAQUES

Segundo o Relatório de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, produzido pela Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ, 2023), em 2022 foram registradas 376 agressões aos profissionais brasileiros. Em comparação com os dados de 2017, o número de ocorrências registrou crescimento de 279,80% em seis anos.

Um dos fatores que ajuda a entender a escalada da violência contra jornalistas é o início da pandemia de Covid-19, em 2020. O então presidente Bolsonaro, seus aliados e os órgãos oficiais adotaram uma comunicação confusa e negacionista que buscava enfraquecer as medidas de combate à pandemia e colocava a imprensa em posição de antagonismo, gerando um “aumento significativo nos ataques contra jornalistas e a degradação da liberdade de expressão” (NICOLETTI; FLORES, 2021).

Uma análise dos vídeos publicados no canal do YouTube do ex-presidente entre fevereiro e junho de 2020 mostra que dos 257 vídeos publicados, 36% mencionam a imprensa, sendo 40% críticas diretas, 28% ataques verbais e 26% descredibilização (NICOLETTI; FLORES, 2021). Nas redes sociais, os ataques também eram comuns e Bolsonaro publicou ataques envolvendo a vida pessoal de jornalistas (PEREIRA, 2021).

Durante o mandato, Bolsonaro estabeleceu o hábito de se comunicar com jornalistas no espaço que ficou conhecido como “Cercadinho da Alvorada”. Os ataques eram tão constantes que os profissionais passaram a sentir medo de permanecer no local (ABREU, 2022).

A agressividade era maior contra mulheres (GONÇALVES, 2021). Foram registrados 119 ataques contra mulheres jornalistas em 2021 (ABRAJI, 2022), e 52% das agressões partiram de agentes estatais. Os ataques são mais praticados por pessoas comuns e acontecem com mais frequência em locais com aglomeração. “Cada vez mais as pessoas que em tese integram o público passam a se sentir autorizadas a investir contra jornalistas” (RIOS; BRONOSKY, 2019).

METODOLOGIA

A fim de cruzar as informações coletadas com a realidade de Campo Grande/MS, foi realizada uma pesquisa de cunho quanti-quali, com a ajuda de um questionário com perguntas abertas e fechadas. De acordo com Minayo (1996), enquanto o quantitativo foca no que é visível e concreto, o qualitativo se aprofunda nos significados das ações e relações humanas (MINAYO, 1996).

O formulário criado para auxiliar na amostragem do universo estudado foi pautado em vinte perguntas e dividido em três seções: perfil do profissional; condições de trabalho; e efeitos sentidos pelos profissionais nos últimos anos (2019 a 2022). A plataforma usada foi a Google Formulários. O envio foi realizado por meio de grupo de jornalistas campo-grandenses no aplicativo WhatsApp e as respostas foram recebidas entre os dias 23 a 30 de novembro de 2022. A amostragem final foi de 15 respondentes.

PRINCIPAIS RESULTADOS

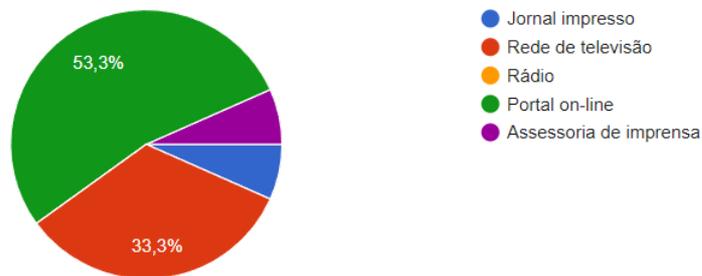
A pesquisa revela que todos os profissionais respondentes possuem graduação em Jornalismo. A maioria (60%) exerce a função de repórter. Outros números mostram pequenas porções que atuam como chefe de reportagem, editor executivo, produtor, coordenador de rede e assessor de comunicação. A faixa etária do grupo apresentou variações, sendo 66,6% pessoas de 30 a 42 anos e 33,3% de 22 a 29 anos.

Com relação ao gênero, 73,3% são mulheres e 26,7% são homens. Mesmo sendo maioria, as mulheres ainda enfrentam condições desiguais. Os homens detêm mais chances de conseguir melhores salários em cada uma das funções desempenhadas (PONTES, 2017). Quanto ao tempo em que atuam no mercado de trabalho, a maioria (73,3%) trabalha na área há mais de 8 anos (Gráfico 1). Sobre os veículos, 53,3% estão nas redações de jornalismo on-line, seguidos pelas redes de televisão (33,3%), jornais impressos (6,7%) e assessorias (6,7%).

GRÁFICO 1

7. Tipo de veículo em que trabalha:

15 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa, Google Forms, 2022

Entre o universo abordado, todos mantêm vínculo de carteira assinada; os salários são pagos em dia para 93,3% e 66,7% relatam já ter trabalhado mais que a carga horária sem recebimento de horas extras. O acúmulo de funções é uma prática comum entre 20% dos jornalistas (Gráfico 2).

GRÁFICO 2

12. As atribuições do seu cargo/função são respeitadas ou eventualmente cumpre atividades de outros cargos?

15 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa, Google Forms, 2022

Para Figaro e Nonato (2017), as relações de trabalho dos jornalistas “se precarizam na mesma proporção que a profissão é mais requisitada por conta das transformações na sociedade da informação”. Tais transformações fazem com que o trabalho do jornalista seja dobrado, enquanto seu salário permanece o mesmo.

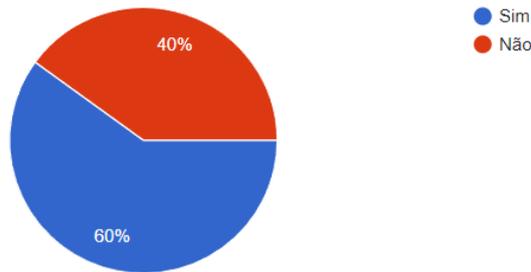
Sobre a escalada de ameaças e episódios de violência a imprensa, mais da metade (60%) já sofreu algum tipo de agressão durante o exercício da profissão (Gráfico 3). As respostas incluem agressões verbais e até tentativas de agressão física (“pessoas que

puxam o crachá, partem pra cima”). Uma das respostas cita o ex-presidente: “no governo Bolsonaro foi difícil exercer a profissão”.

GRÁFICO 3

13. Considerando os últimos quatro anos (2018-2022), você já sofreu algum tipo de assédio ou agressão durante o exercício do seu trabalho?

15 respostas



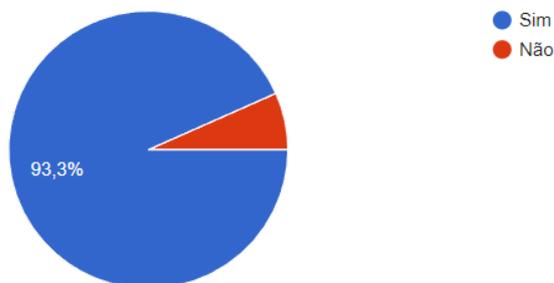
Fonte: Dados da Pesquisa, Google Forms, 2022

A maioria, 93,3%, já sentiu insegurança por se identificar como jornalista (Gráfico 4). “Locais cheios é sempre um perigo”, disse um dos respondentes. “Tive que tirar o crachá com medo de apanhar”, relatou outro. “Minha categoria é considerada ‘lixo’, ‘comunista’”. As associações ao comunismo são práticas comuns do bolsonarismo (NETO, 2020).

GRÁFICO 4

14. Considerando os últimos quatro anos (2018-2022), você já se sentiu inseguro ao se identificar como jornalista em espaços públicos?

15 respostas



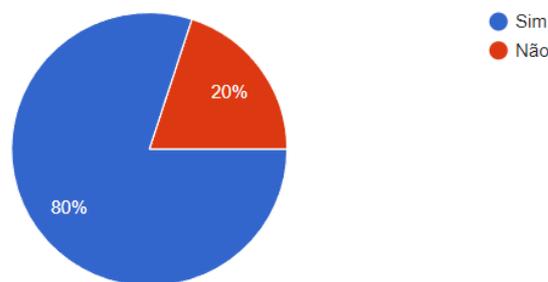
Fonte: Dados da Pesquisa, Google Forms, 2022

Os jornalistas foram questionados se acreditam que houve mudança na percepção da sociedade sobre o jornalismo (Gráfico 5). A maioria (80%) respondeu que sim. “O desgaste impulsionado pelo presidente faz com que o jornalista seja visto como mentiroso” e “passaram a ver a gente como inimigos”.

GRÁFICO 5

15. Considerando os últimos quatro anos (2018-2022), acredita que houve alguma mudança na percepção da sociedade sobre o valor e a credibilidade do jornalismo?

15 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa, Google Forms, 2022

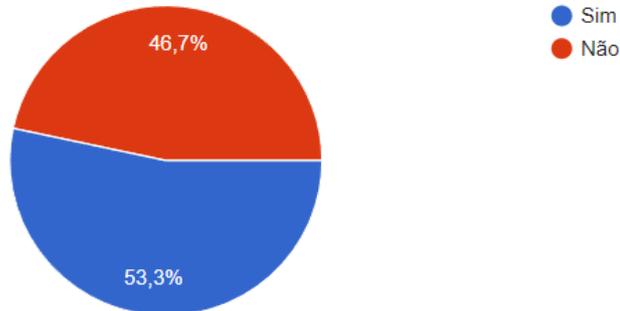
As manifestações de violência contra jornalistas impedem o exercício profissional, afetam a qualidade do jornalismo, comprometem o livre exercício da atividade e o direito à informação pelos cidadãos (RIOS; BRONOSKY, 2019).

A próxima questão buscou saber se os ataques contra a imprensa proferidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro tiveram impacto na relação dos jornalistas com a profissão. Resposta positiva pela maioria (86,7%). Os impactos sentidos vão desde uso de antidepressivos, diagnósticos de ansiedade e até uma constante sensação de “medo”, “desânimo” e “estresse”. A tensão e estresse decorrentes de ameaças pessoais e do esforço de fazer jornalismo contribuem para precarizar ainda mais as condições de trabalho (DANTAS, 2019). Como resultado, 86,7% desejam trocar de profissão e 46,7% não recomendaria a profissão, como mostra o Gráfico 6.

GRÁFICO 6

17. Recomendaria a profissão de jornalista para outra pessoa?

15 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa, Google Forms, 2022

Os discursos do ex-presidente criaram um ambiente de esgotamento dos jornalistas e a ausência de respeito com a imprensa afetou a saúde e a moral dos profissionais (ABREU, 2022).

Por fim, o questionário questiona as perspectivas dos profissionais para o futuro. Há relatos de resiliência (“apesar da insegurança, gosto de ser jornalista”) e de esperança (“espero que o jornalismo retome o espaço de respeito”).

CONCLUSÃO

Considerando as informações apresentadas sobre o ex-presidente Jair Bolsonaro e seu relacionamento com a imprensa, é possível concluir que existe uma tentativa de deslegitimar o jornalismo e a liberdade de imprensa. Também podemos concluir que os discursos do ex-presidente e aliados reverberam na sociedade, tornando as manifestações de violência contra jornalistas mais frequentes. E, neste cenário de crescente violência e insegurança, a precarização do jornalismo se intensifica e gera consequências para a saúde, motivação e qualidade do material.

Na pesquisa, foi possível atestar que a rotina produtiva em Campo Grande/MS sofreu impactos que influenciam na qualidade da oferta noticiosa. Os jornalistas sentem medo de cobrir pautas na rua, o que gera “inversão de pautas visando a segurança da equipe”, e muitas fontes deixaram de colaborar. Os jornalistas campo-grandenses sentem a desvalorização da profissão perante a sociedade, desejam trocar de ofício e muitos receberam diagnósticos relacionados ao estresse da rotina. Os jornalistas do universo

consultado conseguem identificar que uma das causas de todas estas problemáticas são os ataques contra a imprensa proferidos pelo ex-presidente e aliados.

A partir desta pesquisa preliminar, foi possível concluir que, além da precarização do trabalho, somou-se o desafio de fazer jornalismo em um cenário cada vez mais hostil e violento. Uma pesquisa mais aprofundada é necessária para compreender, de maneira mais ampla, os efeitos no jornalismo brasileiro.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. **Violência de gênero contra jornalistas**: dados sobre os ataques com viés de gênero e casos que vitimaram mulheres no Brasil em 2021. Relatório 2021, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://abraji.org.br/publicacoes/relatorio-violencia-de-genero-contra-jornalistas>. Acesso em: 4 abril de 2023.

ABREU, Tatiana Oliveira. Cercadinho do Alvorada: uma ameaça ao ethos do jornalista e à liberdade de imprensa. **Revista Miguel**, Rio de Janeiro, n. 6, PUCRIO, jan-jun 2022. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/59455/59455.PDF>. Acesso em: 4 abril 2023.

DANTAS, Juliana Bulhões Alberto. **O impacto das condições de trabalho e da precarização da profissão na vida do jornalista**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35573>. Acesso em: 4 abril 2023.

FENAJ. **Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil**. Relatório 2022, Brasília, janeiro 2023. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf>. Acesso em: 4 abril 2023.

FIGARO, R.; NONATO, C. Novos ‘arranjos econômicos’ alternativos para a produção jornalística. **Contemporânea**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 47-63, 2017.

GONÇALVES, Laura Pereira. Bolsonaro versus imprensa: Uma análise dos embates com mulheres jornalistas. In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom Virtual, 2021, **Anais eletrônicos**. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij01/laura-pereira-goncalves.pdf>. Acesso em: 4 abril 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Petrópolis, Vozes, 2002.
NETO, Odilon Caldeira. Neofascismo, "nova república" e a ascensão das direitas no Brasil. In: *Conhecer: Debate Entre O Público E O Privado*, 10(24), 120–140, 2020.

NICOLETTI, J.; FLORES, A. M. M. Violência contra jornalistas no canal de Jair Bolsonaro no Youtube: análise dos 100 primeiros dias de pandemia de covid-19 no Brasil. **Brazilian journalism research**. Vol 18. Brasília. Abril de 2022. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/1438/1401/6778>. Acesso em: 4 abril 2023.

PEREIRA, M. R. A desinformação como estratégia política: uma análise dos tweets de ataque à imprensa postados por Jair Messias Bolsonaro no ano de 2019. **Aquila**, v. 1, n. 24, p. 97-110, UVA, Rio de Janeiro. 14 jan. 2021. Disponível em: <https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila/article/view/149>. Acesso em: 4 abril 2023.

PERFIL do Jornalista Brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Coordenação geral de Samuel Pantoloja Lima; Coordenação de Jacques Mick et al. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 4 abril 2023.

PONTES, F. S. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. **E-COMPÓS (BRASÍLIA)**, v. 20, 2017.

RIOS, Aline de O.; BRONOSKY, Marcelo Engel. Violência contra jornalistas, ameaça à sociedade. **Revista Mosaico**, vol 11, nº 17, UVA, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/81064/77402>. Acesso em: 4 abril 2023.